

Fiesp: medidas vão aumentar o índice de desemprego

Previsão é de que, até o fim do ano, indústria demita cem mil em SP

Geraldo Magella e Marcelo Rehder

• SÃO PAULO. A indústria paulista cortou 10.044 postos de trabalho no mês de outubro. Pelos cálculos da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), o nível de emprego no estado registrou queda de 0,55% no mês passado. De janeiro a outubro, foram eliminados 77.737 empregos. No ano passado, foram cortados 149.305 postos de trabalho, uma queda de 7,53% no nível de emprego. Desde o início do Plano Real, a indústria de São Paulo já eliminou 338.124 empregos. Para o diretor do Departamento de Pesquisa, Estudos e Avaliações da Fiesp (Depea), Carlos Roberto Liboni, o índice de desemprego deve aumentar ainda mais em virtude do pacote econômico anunciado ontem pelo Governo.

— Se continuar nesse ritmo, vamos fechar o ano com mais de cem mil desempregados na indústria paulista — previu Liboni.

Segundo ele, os setores de bens duráveis serão os mais atingidos devido ao desaquecimento do consumo. Em outubro, as maiores quedas ficaram com os setores de mármore e granitos (-6,10%), doces e conservas alimentícias (-5,72%) e curtimento de couros e peles (-4,72%). Para Liboni, o aumento do desemprego é resultado da elevação da taxa de juros, do aumento dos impostos e da queda do consumo.

— Muitos setores da economia já esperavam um Natal fraco. Agora será pior — afirmou.

Pesquisa indica que pequena empresa terá mais dificuldade

Liboni divulgou também uma sondagem feita com 1365 empresários de diferentes setores da indústria sobre suas opiniões em relação à conjuntura econômica. De acordo com a pesquisa, 52% acham que as margens de lucro vão diminuir, 32% apostam na queda de emprego e 39% acreditam na redução do faturamento a partir da elevação das taxas de juros, promovidas pelo Banco Central semana passada. A pesquisa da Fiesp também mostrou que 51% das indústrias estavam buscando recursos no sistema financeiro. Com a alta dos juros, essas empresas vão tentar arrecadar recursos cortando investimentos e postos de trabalho.

— As empresas de pequeno porte terão mais dificuldade porque costumam recorrer a financiamentos como *factoring* e cartão de crédito, que têm taxas de juro muito altas — disse Liboni.

O presidente da Fiesp, Carlos Eduardo Moreira Ferreira, disse que as medidas são duras e poderiam ter sido evitadas caso as reformas já tivessem sido aprovadas pelo Congresso.

— As atuais taxas de juros são absurdamente altas e podem comprometer o emprego e a produção, levando o país a um processo recessivo — disse.

CUT: Governo deixou de lado o crescimento econômico

Para o presidente da CUT, Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, o pacote fiscal anunciado pelo Governo atinge somente os trabalhadores e os pequenos empresários. Para ele o Governo errou ao condicionar a estabilidade apenas no câmbio, deixando de lado o crescimento econômico:

— O Governo criou uma espécie de bomba com efeito retardado que está estourando agora na cabeça dos trabalhadores.

Luiz Antônio de Medeiros, presidente da Força Sindical, acha que as medidas são duras e necessárias, mas lamenta que só estejam sendo tomadas às pressas em meio a um terremoto financeiro que abalou as bolsas de valores de todo o mundo.

— Essas medidas são duras porque o Governo não fez a sua lição de casa, cortando gastos desde o início e fazendo as reformas estruturais que a sociedade exigia — disse Medeiros.

Segundo ele, o aumento de impostos numa economia em que a carga tributária já é de 33% do PIB é muito alto. ■